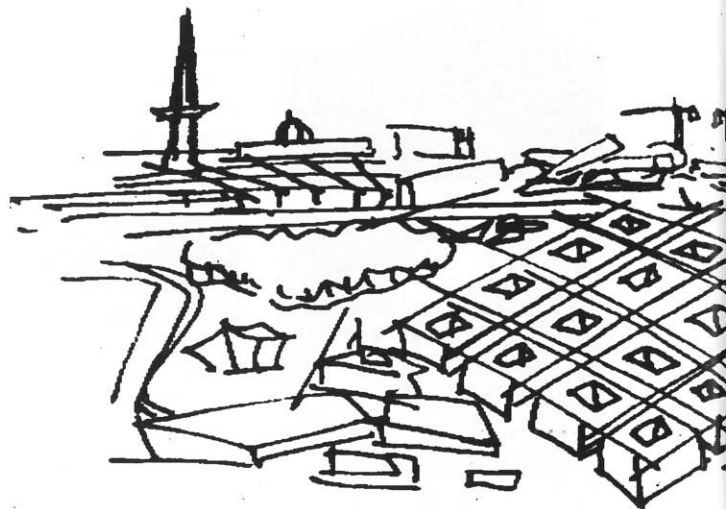


Berlim. Tróia ao reverso

Pedro Moreira



Refletir em torno do tema periferia implica a priori, mas não exclusivamente, tematizar sobre o marginal, em estrito senso. Uma vez que estas formulações venham a partir do centro, que por sua natureza automaticamente se permite a tanto, nota-se uma tendência ao trato do periférico enquanto relegado, a segundo plano. Esta razão de dominância tem sido a tônica da perspectiva ocidental, onde a ordenação positivista se impôs nos mais variados contextos, e prolonga-se cronologicamente até a visão estruturalista da cidade nos anos 60. De forma sucinta, a racionalidade normativa do ocidente ampliou brutalmente o leque das possibilidades, a partir da primeira revolução industrial, o que veio a determinar o colapso de sua inicial coerência. As palavras de ordem tornaram-se pluralismo e multiculturalismo, mesmo que estes termos sejam ainda tão vagos no início da nova era.

Curiosamente, o que se observa é a definição de bolsões culturais intercomunicantes que não se permitem a miscigenação, mas sim uma intensiva troca de informação, que é a determinante da nova velocidade destes tempos. Paul Virillo cita duas ordens como parâmetros desta mudança, ao refletir sobre o desaparecimento da cidade enquanto manifestação concêntrica: a idéia de lugar, ou a estabilidade da forma, e a de velocidade, que desestabiliza a mesma. Um extremo exemplo do jogo entre ambas são os ainda recentes acontecimentos em Berlim, que me levam a escrever este artigo. O ano de 1989 trouxe consigo a mais importante mudança do pós-guerra, a queda do Muro como símbolo de falência do controle estatal frente ao liberalismo, seu simbolismo vindo a salientar os papéis de vilão e herói. A derrota dos alemães em 1945 determinou a remoção do status de Centro que Berlim até então possuía, e a cidade tornou-se híbrida. Berlim Ocidental definiu-se como zona de tensão por excelência, lugar de máximo interesse e interesse nenhum, abraçada por John F Kennedy ao pronunciar "*Ich bin ein Berliner*" e recusada pela maioria dos alemães enquanto lugar de

moradia e, principalmente, de investimentos. Uma cidade-centro em perspectiva mundial por seu caráter icônico, por outro lado um bastião ilhado, uma cidade-paradoxo cuja muralha foi construída por quem a cercava e não por seus habitantes em atitude de defesa.

Esta cidade poderia ser uma das *idades invisíveis* de Italo Calvino. A antiga Capital da Prússia, candidata a Capital do Mundo na mente de um austríaco pintor de *postcards*, tornou-se Periferia na praxis diária. Neste caso, o "ser periferia" determinou a formação de um cenário sócio-cultural específico. Berlim Ocidental, a cidade relegada, tornou-se magneto para grupos ditos marginais, que fundaram aqui sua capital. Tome-se a definição geométrica de um círculo, lugar de todos os pontos equidistantes ao centro. Cada um destes pontos pode ser o gerador de um novo círculo. Imigrantes turcos, ecologistas radicais, ativistas homossexuais, opositores ao serviço militar, artistas diversos, radicaram-se particularmente nas áreas degradadas junto ao Muro, e acabaram por estabelecer uma nova identidade de cidade.

A poucos metros de distância, no lado leste, não falava-se de Periferia mas sim do oposto, da capital da República Democrática Alemã, cidade cuja única fronteira era seu Alter-Ego. Berlim Ocidental foi um fruto do desejo, erigiu-se como vitrine de um novo sistema. Suas ambições urbanísticas encontram equivalentes no Plano Hausman ou em Brasília, e para concretizá-las foi necessário destruir mais do que a própria guerra destruiu.

Alguns de nós tivemos a oportunidade de vivenciar o ritual de passagem entre uma cidade e outra, Alice adentrando o espelho. A aclamada fronteira era na verdade dois muros separados por uma zona proibida que variava de 20 a 200 metros. O *Muro* possuía mil faces, ora consistindo de pré-moldados de concreto dilacerando o antigo organismo urbano, ora fazendo uso do mesmo, de suas casas desabitadas por ordem do regime, de suas ferrovias, seus canais.

Sete portas em diferentes pontos dos territórios controlados permitiam o trânsito entre ambos os



Você sabia?

1
Que em Berlim existe apenas um edifício projetado por um arquiteto brasileiro? Em 1957, nos bons tempos do trânsito internacional de nossos mestres, Oscar Niemeyer construiu para a Exposição InterBau seu bloco de habitação no *Hansaviertel*. Espera-se agora a realização do projeto paisagístico de Burle Marx para o entorno do teatro Volksbühne em Berlim Oriental.

2
Que no recente Concurso Internacional para o centro histórico de Berlim — *Spree Insel* — participaram mais de mil e duzentos escritórios de todo o mundo, entre eles apenas cinco brasileiros?

lados, envolvendo longas horas de espera. A visita a um lado inevitavelmente implicava em comparação com o outro.

Como na cidade de Priamo, cujo cerco diz-se ter durado mais de 30 anos, o Muro tornou-se rotina, e no Oeste os habitantes de Kreuzberg deixavam nele suas marcas, tal qual anotações num toilette público. Do alto do Muro acenavam para os soldados sisudos nas torres de observação, sem medo. No lado oriental, entretanto, aproximar-se da borda significava suicídio, e ali os pré-moldados de concreto conservaram sua pureza brutal.

O Muro não existe mais. Sinais de sua existência vêm sendo rapidamente apagados, seus poucos restos transformaram-se em patrimônio histórico numa cidade que não decidiu se deseja lembrar ou esquecer. Outros fragmentos vêm sendo relocados, despojos da guerra posicionados no lobby de edifícios em New York, ou *souvenir* nas mãos de turistas afoitos. Nos mercados de rua a comercialização dos despojos se institucionaliza. Por outro lado, as mudanças na paisagem vão se sucedendo em velocidade espantosa, sob o aparente controle dos planejadores. As obras de tráfego buscam restabelecer conexões, reformular a estrutura da nova metrópole, mas também embelezar as ruas cinzentas do leste, inaceitáveis para padrões ocidentais. Trata-se de um julgamento de valores. O *Palast der Republik*, por exemplo, momento máximo da tecnologia de construção socialista, será demolido assim como muitos outros edifícios, e as fachadas dos blocos de habitação com milhares de unidades serão remodeladas. Qualquer reminiscência do poder anterior é indesejável e não é por acaso que as estátuas de Lênin já mofam nos depósitos da municipalidade. Herança cultural? *Zeitgeist*? Tudo depende dos critérios de seleção. À cidade barroca, que quase não mais existe, atribui-se tal valor que há planos para reconstruir a partir do topo o castelo danificado em 1916 e demolido em 1951 pelos socialistas, em atitude semelhante. Em termos urbanísticos, celebra-se a chamada Reconstrução Crítica, que baseia-se na

remodelação da cidade-bloco do início do século, símbolo de prosperidade da Alemanha Imperialista. Eixos, simetrias, monumentalidade, representatividade, romanticismo são o centro de um pensamento que, aliado à lucratividade máxima configuram um cenário do qual poucas boas surpresas se esperam. Falo de uma Tróia ao reverso, onde os gregos saem de dentro dos muros para presentear o cavalo, de cujo âmago despontam investidores vorazes cujo apetite é saciado sob a patética sombra da reunificação. Trazem consigo os arquitetos da Corte e a nova velha visão da cidade, que deve orgulhar-se de seu passado de poder e glória, da tradição germânica da *ordem*. Não é portanto difícil entender a absoluta supremacia conquistada pelos arquitetos auto-entitulados Racionalistas no planejamento da Nova Berlim. As questões relativas à produção contemporânea nesta situação, específicas são por demais complexas para esta crônica, mas o que por aqui se espera é que a contribuição de outras linhas de pensamento arquitetônico venham a radicalizar a discussão, especialmente no que concerne aos arquitetos estrangeiros. A situação é tal que no dia 20 de julho o arquiteto Daniel Liebeskind anunciou que deixará a cidade antes mesmo da compleição de seu polêmico *Jüdisches Museum*. Num memorável artigo na revista *Archplus* intitulado **A Banalidade da Ordem** ele apresenta seus argumentos em favor de uma Arquitetura que considere "o diverso", "o outro", como síntese das questões contemporâneas.

Retomando a proposição de Virillo, eu diria que esta cidade sofre o impacto da velocidade. Paradoxalmente, a Arquitetura até então resultante de tal processo busca lidar com temas exatamente opostos ao que a idéia de velocidade sugere. Constrói-se uma cidade monolítica, controlada demais, racionalizada demais, onde a estabilidade da forma pode facilmente ser desvinculada da estabilidade do poder. A Nova Berlim corre o risco de sucumbir ao peso de sua própria história. Como Tróia.